



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS IV**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM**  
**LETRAS**

BIANKA BARBOSA FERREIRA

**ANÁLISE DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL DO TERMO “PÃO” ENTRE**  
**ALUNOS DO IFPB-CAMPUS CATOLÉ DO ROCHA**

Catolé do Rocha – PB

2024

Bianka Barbosa Ferreira

**ANÁLISE DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL DO TERMO “PÃO” ENTRE  
ALUNOS DO IFPB-CAMPUS CATOLÉ DO ROCHA**

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
Licenciatura plena em Letras na UEPB-  
*Campus IV.*

Orientador: Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383a Ferreira, Bianka Barbosa.

Análise de variação linguística regional do termo “pão” entre alunos do IFPB-Campus Catolé do Rocha [manuscrito] / Bianka Barbosa Ferreira. - 2024.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. variação linguística. 2. falantes. 3. termo pão. I. Título

21. ed. CDD 410

BIANKA BARBOSA FERREIRA

ANÁLISE DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL DO TERMO “PÃO” ENTRE  
ALUNOS DO IFPB-CAMPUS CATOLÉ DO ROCHA

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
Licenciatura plena em Letras na UEPB-  
*Campus IV.*

Orientador: Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier.

Aprovada em: 25/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

*Keila Lairiny Câmara Xavier.*

Profa. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

JAIRO BEZERRA SILVA

Data: 01/07/2024 22:02:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*José Juvêncio Neto de Souza*

---

Prof. Dr. José Juvêncio Neto de Souza  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico esse trabalho aos meus pais – Eliandra e Ferreirinha – que me dão a base para viver a vida e são meus instrutores no caminho até o céu. Amo-os imensuravelmente!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que criou todo o universo com o poder de sua palavra, que deu-me as palavras certas para escrever.

Agradeço a Cristo Jesus, o verbo da vida, a palavra encarnada, a voz que acalmou a tempestade e me fortaleceu para concluir esse trabalho.

Agradeço ao Santo Espírito de Deus que me foi ajudador e me deu inspiração para cada linha, parágrafo e capítulo.

Agradeço ao meu pai, Francisco Ferreira Filho, que compreendeu cada momento em que eu precisei de calma e paz e me proporcionou isso.

Agradeço à minha mãe, Eliandra Barbosa da Silva Ferreira, que cuidou de tudo e me insentou de outras tarefas enquanto esse trabalho era produzido.

Agradeço ao meu irmão, Kalebe Barbosa Ferreira, que, apesar de querer minha atenção, compreendeu que era momento de solitude e concentração.

Agradeço a toda minha família – Ferreira e Barbosa – por me presentarem com sua constante preocupação e incentivo.

Agradeço a minha orientadora, Keila Lairiny Câmara Xavier, que me deu todas as ferramentas necessárias para a construção desse trabalho.

Agradeço ao técnico da coordenação, carinhosamente conhecido por Irmão Neto, que sempre foi solícito em tirar as muitas dúvidas que surgiram.

Agradeço aos meus colegas, especialmente a minha amiga Janiele Cristina Vieira, que sempre foi um ouvido atento e uma mão estendida a ajudar.

Agradeço a minha amiga, Ana Victória Pereira Ramalho que gentilmente me ajudou ordenando o caos que ainda existia nessas páginas.

Agradeço ao IFPB-CCR que abriu as portas para que essa pesquisa fosse realizada e aos alunos que responderam o questionário apresentado.

Agradeço a minha banca, composta pela professora Keila Lairiny Câmara Xavier, o professor Jairo Bezerra Silva e o professor José Juvêncio Neto de Souza, pela disponibilidade em avaliar meu trabalho.

*No princípio era a palavra, e a palavra  
estava com Deus, e a palavra era Deus.  
João 1:1*

## RESUMO

As variações linguísticas são uma realidade entre os falantes de uma língua, já que estão presentes em todos os atos comunicativos. Elas se dividem em três – **diatópicas, diastráticas e diafásicas** – e estão baseadas em fatores interrelacionados aos falantes ou a uma comunidade de falantes de determinada língua. Por isso, as variações linguísticas provam que a língua é viva e dinâmica e está em constante transformação com base nos movimentos e mudanças que ocorrem na sociedade ao longo do tempo e nas suas necessidades de comunicação, como afirmou Bagno (2008, p. 35). Dessa forma, o presente trabalho busca ‘analisar a variação linguística do termo “pão” entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR’. Para isso foram analisadas as teorias linguísticas de Saussure (2012), Bagno (2007 e 2008), Martelota *et al* (2021), Perini (2010) e Cunha e Cintra (2016). Diante da pesquisa feita, foi possível identificar 3 termos distintos para cada um dos pães apresentados, para o primeiro tipo de pão (imagem 1), foram coletados os termos “Pão Francês”, “Pão aguado” e “Pão de sal”, para o segundo tipo de pão (imagem 2), foram coletados os termos “Pão carteira”, “Pão carteiro” e “Pão doce”. Após a análise, interpretação e tabulação desses dados, foi possível compreender de forma prática como as teorias estudadas como as variantes linguísticas se manifestam em diferentes localidades e constituem os falares que ocorrem nas situações comunicativas diversas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística, Falantes, Termo pão.



## ABSTRACT

Linguistic variations are a reality among speakers of a language, as they are present in all communicative acts. They are divided into three – **diatopic, diastratic and diaphasic** – and are based on factors interrelated to speakers or a community of speakers of a given language. Therefore, linguistic variations prove that language is alive and dynamic and is constantly transforming based on the movements and changes that occur in society over time and its communication needs, as stated by Bagno (2008, p. 35) . Thus, the present work seeks to ‘analyze the linguistic variation of the term “bread” among students from different cities who study at IFPB-CCR’. For this purpose, the linguistic theories of Saussure (2012), Bagno (2007 and 2008), Martelota et al (2021), Perini (2010) and Cunha and Cintra (2016) were analyzed. Given the research carried out, it was possible to identify 3 different terms for each of the breads presented, for the first type of bread (image 1), the terms “French Bread”, “Aguado Bread” and “Salt Bread” were collected. for the second type of bread (image 2), the terms “Bread wallet”, “Pão postman” and “Pão doce” were collected. After analyzing, interpreting and tabulating these data, it was possible to understand in a practical way how the theories studied, such as linguistic variants, manifest themselves in different locations and constitute the speeches that occur in different communicative situations.

**KEYWORDS:** Linguistic variation, Speakers, Term bread.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 A LÍNGUA COMO UM OBJETO DE PARTICULARIDADE COMUNICATIVA</b> .....	<b>11</b>
2.1 A LINGUÍSTICA .....	12
2.2 O ESTRUTURALISMO.....	16
2.3 <i>LANGUE E PAROLE</i> .....	18
2.4 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS .....	21
<b>3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRÁTICA</b> .....	<b>28</b>
3.1 REGIÕES ENVOLVIDAS NA PESQUISA .....	28
3.2 VARIAÇÃO DOS TERMOS.....	29
3.3 VARIAÇÃO REGIONAL POR MUNICÍPIO.....	32
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É indiscutível que as variações linguísticas existem, já que conseguimos visualizá-las nos mais diversos contextos comunicativos, sendo possível detectar diferenças na fala de cada falante. Essas variações são inerentes de vários fatores, podendo ser eles sociais, etários, contextuais e regionais. Entretanto, é preciso destacar que eles não são obstáculos para a comunicação e sim uma identidade que cada falante tem devido o contexto em que ele está inserido e as mudanças que ocorrem na língua e na sociedade que são impostos para o surgimento desse fenômeno.

A teoria de Ferdinand de Saussure, o suíço, considerado hoje ‘O Pai da Linguística moderna’, ultrapassou os limites do tempo trazendo-nos conhecimentos acerca da língua, suas dicotomias e seus conceitos. O estruturalismo propõe que no conceito da linguagem existem algumas dicotomias, sendo uma delas a dicotomia entre a Língua e a Fala – ou *Lingue e Parole* nas palavras de Saussure (2012) – . O linguista afirma que enquanto a língua é um objeto social, utilizada por todos os falantes, que contém regras, pois é uma estrutura, a fala é um objeto individual, ou seja, traz características próprias de cada falante, ambas – Língua e Fala – se completam e simultaneamente são opostas entre si.

A materialização dessa teoria dar-se-á quando percebemos que a Língua não muda a sua estrutura, apesar de está viva e em constante modificação, ela – a língua – tem uma forma fixa, regras e normas que devem ser observadas. Já no que diz respeito a Fala, ela está ligada a identidade de cada falante em particular. Nesse contexto, as variações linguísticas são um dos fatores que dão uma identidade própria a cada falante. Por isso, cada povo tem uma cultura própria que é construída a partir de suas raízes e é a marca de sua identidade, dessa forma as variações linguísticas do âmbito regional estão ligadas a cultura de um povo pois são elas que fazem de uma língua geral, uma fala particular.

De acordo com Carvalho, (*apud* Oliveira 2019, p. 02) “a língua exerce papel fundamental na constituição da identidade de um povo, pois, os falantes se expressam por meio da linguagem”. Dessa forma, sendo a língua a identidade de um povo, a fala é a identidade de um indivíduo, pois é nela que se materializa suas particularidades enquanto falante. Vemos um exemplo disso quando, nos diversos contextos

comunicativos, percebemos que uma só língua é utilizada, entretanto cada falante a adequa ao contexto em que está inserido.

Nesse sentido, as variações linguísticas ocorrem em diversos contextos comunicativos, sendo em sua maioria, nas situações comuns do dia a dia. Dessa forma podemos perceber que a regionalidade é um fator a ser observado no tocante a fala, pois no Brasil, um país que contém uma cultura diversa, também existe para cada região vocábulos próprios para um mesmo objeto. Portanto, o presente trabalho, pretende investigar como a materialização da teoria *Langue e Parole* de Ferdinand de Saussure (2012), ocorre entre os alunos do IFPB – Campus Catolé do Rocha a partir da busca pela variação existente do termo “Pão”.

Para isso foi realizada uma pesquisa com os alunos do IFPB – *Campus Catolé do Rocha*. A pesquisa foi realizada de forma *online* pelo aplicativo *google forms* e continha seis perguntas, a primeira é uma identificação do município e estado que o aluno reside, a segunda e a terceira investigam qual é o termo usado por cada aluno para as imagens apresentadas, a quarta pergunta vai analisar se os alunos conhecem algum outro termo para as imagens apresentadas e a quinta e a sexta perguntas compreendem quais são os termos extras os alunos conhecem.

Após a aplicação do questionário foram obtidas cinquenta e nove respostas de alunos de catorze municípios e de dois estados diferentes. Dessa forma foram encontradas quatro variações para a primeira imagem apresentada e três variações para a segunda imagem. Assim foi possível perceber e analisar as variações existentes entre os alunos e apresentar na prática as teorias estudadas.

Levando em consideração que no Brasil o consumo do pão é algo cultural, já que, a maioria dos brasileiros se alimenta desse alimento todos os dias, é possível observar que entre os falantes de diversas regiões existem diversos termos que são utilizados para o mesmo tipo de pão. Por isso, diante da cultura do pão no Brasil, pode-se ter uma amostra de como a variação ocorre a partir de palavras que são utilizadas no dia a dia dos falantes, propondo assim uma observação prática de como a fala revela uma identidade individual, enquanto a língua permanece intacta.

Diante disso, este trabalho parte do seguinte questionamento geral: De que maneira acontece a variação linguística do termo “pão” entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR. De acordo com esse traçamos alguns outros questionamentos específicos: Como as teorias discutem a variação linguística? De que forma acontece as variações regionais/linguísticas do termo ‘pão’ entre os alunos

do IFPB/CCR? Como se relacionam os dados obtidos na pesquisa com as teorias linguísticas?

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é 'Analisar a variação linguística do termo "pão" entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR'. Além desse objetivo geral, elencamos alguns outros específicos: Estudar as teorias linguísticas sobre as variações linguísticas; Identificar e interpretar as variações regionais/linguísticas do termo 'pão' entre os alunos do IFPB/CCR; Relacionar os dados obtidos pela pesquisa com as teorias linguísticas estudadas.

Portanto, é necessário ressaltar a importância do estudo da língua em uso, ou seja, a fala, dessa forma este trabalho propõe o estudo de uma amostra de variação linguística no âmbito regional que visa compreender como acontece a materialização da teoria de *Langue e Parole* do linguista Ferdinand de Saussure, pois acredita-se que o estudo dessas variações são uma porta para a melhor compreensão da fala como um objeto social e individual. Outrossim, a temática trabalhada – Variação Linguística – causa interesse considerável à pesquisadora, trazendo assim um olhar pessoal e empático para este trabalho.

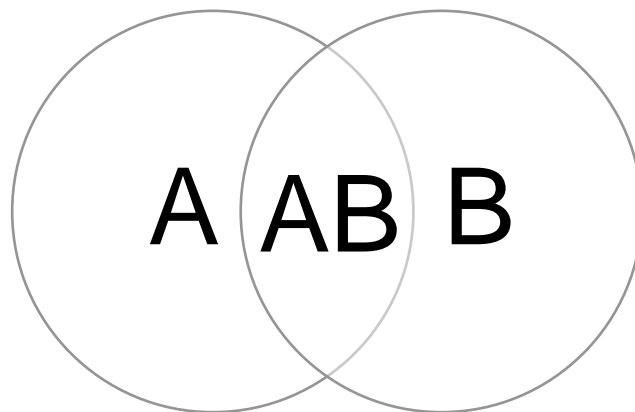
Este trabalho encontra-se dividido nas seguintes partes, a introdução em que apresentamos o nosso objeto de estudo, metodologia e justificativa, um capítulo que tem como título 'A língua como um objeto de particularidade comunicativa' que apresenta as teorias utilizadas como fundamentação para este trabalho e divide-se em quatro tópicos, no primeiro tópico apresentamos uma discussão acerca dos conceitos de língua e linguagem, no segundo tópico foi explorado um pouco sobre a tese estruturalista, em seguida, foi realizada uma análise da dicotomia '*langue e parole*' e por fim, apresentamos um tópico que descreve as teorias específicas sobre as variações linguísticas.

Em seguida apresentamos a análise dos dados coletados pela pesquisa feita em um capítulo intitulado 'Variação linguística na prática' que divide-se em três tópicos, no primeiro tópico expomos quais são os municípios declarados pelos respondentes da pesquisa, no segundo tópico apresentamos as variações do termo 'pão' identificadas entre os alunos e no terceiro tópico colocamos as interpretações feitas com base nos dados obtidos e nas teorias estudadas. Por fim, apresentamos um capítulo que expõe os resultados obtidos nesse trabalho.

## 2 A LÍNGUA COMO UM OBJETO DE PARTICULARIDADE COMUNICATIVA

A base teórica que fundamenta o presente trabalho está pautada no campo teórico das linguagens, especificamente, no estudo da língua e no fenômeno da Variação Linguística, que se materializa nas mais diversas situações comunicativas que ocorrem durante o uso da língua pelos falantes em variadas relações sociais. Nessas situações comunicativas, os falantes imprimem suas percepções particulares e as características de seu contexto específico. Como exemplo desse fenômeno temos a palavra “mexerica” que em algumas regiões do Brasil é chamada de “Tangerina”, enquanto em outras é conhecida como “Bergamota”.

Inicialmente, é necessário enfatizar o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure (2012) que, em seus estudos compreende a língua como uma estrutura que não pode ser alterada por fatores externos. Por esse motivo, muitos estudiosos o criticam alegando que sua teoria não considera a língua em uso. Entretanto suas ideias também têm espaço para a língua em uso, a partir do momento em que apresenta a fala, como um objeto aberto e dependente do contexto comunicativo de cada falante. Língua e Fala – ou *Langue e Parole* – se tocam sutilmente e simultaneamente são opostas entre si, como apresenta o esquema a seguir:



A: Língua/ <i>Langue</i>	AB:Relação entre A e B	B: Fala/ <i>Parole</i>
É Social	A língua é necessária para que a fala seja inteligível	É Individual
É Psíquica	A fala é necessária para que a língua se estabeleça	É Psicofísica
É independente do indivíduo	A fala faz evoluir a língua	É dependente do indivíduo
É um sistema	A língua é o instrumento e o produto da fala.	É o uso individual do sistema

**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

Dessa forma, este trabalho propõem-se a analisar a variação do termo “pão” entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR a partir da teoria apresentada acima como um palco para compreensão do fenômeno da Variação linguística que ocorre na fala, que é um objeto individual de cada falante, como apontou Saussure (2012).

Para isso, esta fundamentação teórica contará com quatro tópicos, o primeiro apresentará brevemente o que é Linguística, o segundo trará um pouco sobre a teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure (2012), o terceiro apresentará especificamente a teoria *Langue e Parole* e por fim, iremos investigar o conceito da sociolinguística, um recorte acerca das variações linguísticas e qual a relação dessas grandezas com a comunicação que ocorre na prática.

Para este fim, serão utilizados como fundamentos teóricos para esse trabalho a obra “Curso de Linguística Geral” (Saussure, 2012, original publicado em 1916), “Manual de Linguística” (Martelotta *et al*, 2021), uma entrevista com título “SOBRE LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA” realizada pela revista Revel com o professor Mario Perini (2010), a obra *Língua Materna Letramento, variação e ensino* (Bagno, 2007), a novela sociolinguística “A língua de Eulaila” (Bagno, 2008) e a obra “Nova gramática do Português contemporâneo” (Cunha e Cintra, 2016).

## 2.1 A LINGUÍSTICA

Para compreendermos o que a linguística é em sua forma mais pura, é necessário observar alguns autores que compreendem o assunto com um olhar mais amplo e com a complexidade necessária ao tema, como exemplo disso Furtado *et al.*, (2021, p. 15) afirma que “A linguística é definida, na maioria dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem”.

Assim, pode-se compreender que a linguística é uma ciência que tem como objeto de estudo a linguagem que, por sua vez, compreende não somente a língua, mas todas as formas de comunicação possíveis. Dessa forma, estudar linguística está além de estudar uma língua e sua estrutura gramatical, mas também, estabelecer relações entre os diversos aspectos da comunicação, como por exemplo a importância do falante e do ouvinte, as mudanças que ocorrem na língua em uso e como essas mudanças afetam a comunicação.

É necessário destacar também, que, como dito anteriormente, nesse contexto,

Furtado (2021) não refere-se ao estudo específico da língua e sim da linguagem. Essa é uma discussão importante no estudo da linguística, pois para compreender os conceitos dessa ciência é preciso compreender como língua e linguagem se relacionam e como se diferenciam. É isso que Furtado (2021) reforça no final do parágrafo, a importância de diferenciar língua e linguagem nesse processo de compreensão.

Essa diferenciação é feita pelos linguistas a partir de uma análise da ciência linguística, em que compreende-se a língua como um instrumento da faculdade da linguagem<sup>1</sup>, dessa forma, a linguagem engloba todas as formas possíveis de comunicação, enquanto a língua é um dos instrumentos para a comunicação dos indivíduos, ou seja, é com o uso da língua, que é um instrumento da linguagem, que ocorre a comunicação.

Em outras palavras, a língua é uma manifestação prática da capacidade da linguagem que é comum a todo e qualquer ser humano, já que, cada um, independente de faixa etária, do contexto social e da escolaridade tem a capacidade de se comunicar. Sobre isso Mario Perini (2010, p. 02), em uma entrevista para a revista Revel afirma:

Posso começar dizendo que a relação entre língua e linguagem é que uma “língua” é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana a que chamamos “linguagem”. Mas o termo linguagem é também aplicado a outros tipos de sistemas de comunicação, que normalmente não são chamados línguas, como o sistema de sinais de trânsito e a linguagem das abelhas. Assim, linguagem é um conceito muito mais amplo do que língua: a linguagem inclui as línguas entre suas manifestações, mas não apenas as línguas.

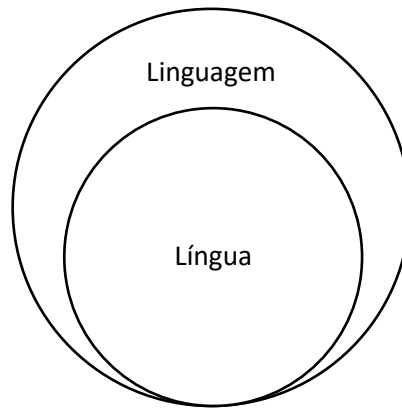
O professor Mário Perini (2010) destaca que existe uma relação entre língua e linguagem, ao passo que, a língua é um tipo de linguagem, mas a linguagem não compreende **apenas** a língua. Logo, elas são diferentes, mas se tocam em algum ponto, assim, o professor explica sua teoria de que a língua está dentro do âmbito da linguagem, pois é uma de suas ferramentas para a comunicação, ou seja, a manifestação exterior desta. Isso é comprovado por ele quando explica que não só a língua faz parte da linguagem, mas as mais diversas formas de comunicação, sejam

---

<sup>1</sup> Chomsky (1957) defendia em sua corrente teórica que os seres humanos têm uma capacidade inata de comunicação, o que ele descreve como “faculdade da linguagem”, essa é uma importante característica que diferencia os seres humanos dos primatas.



elas verbais ou não verbais. Um esquema que exemplifica a relação entre língua e linguagem está apresentado abaixo:



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

Podemos ver, por exemplo, uma criança que ainda não passou pelo processo de aquisição da língua, mas consegue se comunicar, isso acontece, porque ela já nasce com a capacidade da linguagem. Mesmo que de uma forma simples, a criança se comunica através do choro, por exemplo, ou, se for maior, se comunica apontando para o que precisa. De acordo com Perini (2010), todas essas são formas de linguagem, e a língua também se qualifica como uma dessas.

Complementar a isso, Saussure (2012) apresenta uma visão acerca do conceito de língua, já que, mesmo estando dentro do conceito de linguagem, ela também tem uma importância fundamental para os estudos da ciência linguística, sendo, objeto de estudo de muitos trabalhos nessa área. Saussure (2012, p. 41) ressalta:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Pode-se perceber que Perini (2010), alinha-se a Saussure (2012), a medida que Perini (2010) percebe a língua como um objeto da faculdade da linguagem necessário para que a sociedade utilize-se dessa faculdade em seus contextos comunicativos, já Saussure (2012) coloca a língua em uma importante posição para os falantes, pois é a partir dela que, muitas vezes (levando em consideração que existem outras formas de comunicação), a comunicação ocorre. Por isso, a língua é posta como um produto social, já que, é pela necessidade social que ela é tão

importante para os falantes.

Ao compreender a língua como um produto social, Saussure (2012) apresenta a língua como um meio de construção da linguagem que contém um produto final, a comunicação. Ao passo que a língua é social, pois é utilizada por toda uma comunidade linguística, a fala é individual e se estabelece a partir da necessidade da linguagem e da comunicação. O produto social da língua é, portanto, gerado a partir da faculdade da linguagem que cada indivíduo contém e uma convenção necessária e essencial para a comunicação entre os falantes de uma língua.

Diante desses conceitos é possível constatar que ambas, língua e linguagem, não estão a parte uma da outra ou em posição hierárquica, e sim em complementariedade, em que uma complementa a importância da outra no âmbito da comunicação. A língua compreendida como uma das faculdades da linguagem, uma importante faculdade, que contém uma estrutura própria que não pode ser modificada, a não ser quando um indivíduo se apropria dela e a preenche de uma identidade única, e a linguagem como a faculdade que possibilita as mais diversas formas de comunicação existentes entre os falantes.

Em vista disso, a linguística é a ciência que estuda a linguagem em suas mais variadas facetas, compreendendo não apenas a língua em si, mas as diversas formas de comunicação existentes na sociedade. Abrange ainda teorias acerca da aquisição da linguagem por parte dos indivíduos, como as interações sociais reforçam esse processo e teorias acerca da externalidade ou internalidade das faculdades da linguagem.

Em síntese, uma das discussões a ser promovida pela ciência linguística é a relação e diferenciação entre língua e linguagem. Baseados nos autores supracitados, pode-se perceber que língua e linguagem se tocam, quando uma – Língua – pertence a outra – Linguagem. E se diferenciam quando compreende-se língua como um objeto social da linguagem, ou seja, na comunicação.

Uma das teorias que fazem parte da linguística é o estruturalismo, que é uma tese linguística de Saussure, um linguista suíço, que em sua obra póstuma “Curso de Linguística Geral”, escrita por dois de seus discípulos e publicada em 1916, três anos após a sua morte, apresenta sua teoria, que basicamente enfatiza o conceito de língua, percebendo-a como uma estrutura que contém leis internas que são organizadas dentro da estrutura.

## 2.2 O ESTRUTURALISMO

O linguista Ferdinand de Saussure, conhecido atualmente como pai da linguística moderna, é o criador do estruturalismo. Contrao-o, muitos autores como Noam Chomsky<sup>2</sup> e Skinner<sup>3</sup> criaram suas próprias teses acerca da língua e da linguagem trazendo assim, para discussão, uma ampla gama de teorias que vão sendo adotadas de acordo com a compreensão de cada estudioso da área.

A obra póstuma, publicada por dois alunos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, três anos após a sua morte, apresenta a teoria estruturalista defendida pelo linguista, depois disso, muitos autores estudaram essa teoria e utilizaram como base para seus próprios escritos. Segundo Costa (2021, p. 114) o estruturalismo percebe a língua como:

O estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

Como explicado por Costa (2021), o estruturalismo, teoria criada por Ferdinand de Saussure (2012), costuma perceber a língua como uma estrutura, na prática, é a estrutura gramatical como conhecemos (As leis que regem e organizam a gramática de uma língua, por exemplo, as flexões de gênero e número, os tempos verbais, a sintaxe das orações e frases, etc).

Para Saussure (2012), a gramática de uma língua é a sua estrutura e as leis internas são as regras que conhecemos, como acentuação, conjugação de verbos, flexões de número e gênero etc. Trata-se, portanto de um sistema interno que não é modificado. Dessa forma, para Saussure (2012), essa estrutura não muda, pois, é fechada e estabelecida dentro da própria estrutura.

Segundo a mesma ideia do conceito estruturalista de língua, o próprio Saussure (2012, p. 53) afirma que “Nossa definição de língua supõe que eliminemos

---

<sup>2</sup> Noam Chomsky foi criador do gerativismo, uma corrente teórica que compreendia a aquisição da linguagem a partir das faculdades internas, isto é, supunha que os seres humanos continham em si características intelectuais da linguagem e pudessem se utilizar delas sem que para isso fossem necessários estímulos externos.

<sup>3</sup> Skinner era um teórico adepto à teoria behaviorista, uma corrente teórica que compreende a aquisição da linguagem a partir de estímulos externos. Para ele a linguagem humana é uma resposta do organismo humano produzido a partir dos estímulos da interação social.

dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu **sistema**: tudo quanto se designa pelo termo “Linguística externa”. (grifo meu). Como pode ser visto, Saussure (2012) compreende a língua como um sistema e, dessa forma, não podemos alterá-la e, se o fizermos, precisamos “eliminar de seu organismo”. Para Saussure (2012) o sistema linguístico deve ser fechado e inalterado, essa é sua visão de língua.

Diante dessa percepção, muitos linguistas criticam Saussure (2012) até os dias de hoje, propondo que sua teoria não abre espaço para as manifestações diversas da linguagem como as variações linguísticas, sotaques e gírias, já que, essas ocorrências fogem da estrutura linguística e gramatical estabelecida pelo sistema linguístico. Entretanto, é preciso afirmar que na teoria de Saussure (2012) há sim espaço para essas manifestações, justamente quando o linguista apresenta-nos a dicotomia *LANGUE E PAROLE*, compreendendo a fala como um objeto individual a cada falante.

Assim, é possível compreender o estruturalismo como uma teoria que concebe a língua como uma estrutura que contem normas próprias que devem ser respeitadas por seus usuários. Bem como, enxerga a hierarquia existente nessa estrutura, enfatizando a importância dos elementos linguísticos seguirem essas leis e normas internas e percebe o sistema como inalterado.

Entretanto, além disso, a linguística explora a aquisição da linguagem pelos falantes, e essa aquisição está além de apenas a língua, mas da comunicação de uma forma geral. O estruturalismo compreende a aquisição da linguagem como algo adquirido, nas palavras de Costa (2021, p 115):

O que regula o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são normas que internalizamos muito cedo e que começam a se manifestar na fase da aquisição da linguagem. Trata-se de um conhecimento adquirido no social, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos partes. Esse conhecimento, tal como no jogo de xadrez, independente da materialidade, da substância da qual as peças são formadas.

Em sua obra póstuma, Curso de linguística geral, Saussure (2012) utiliza uma analogia do conhecimento linguístico com o jogo de Xadrez, em que, ele reitera que não importa a materialidade do jogo de Xadrez – ou seja, o material que suas peças são feitas – as regras continuam as mesmas, tal qual é a linguagem, utilizada por diversos falantes diferentes e que, de alguma forma, internalizaram as normas que regulam o funcionamento do sistema linguístico, porém, essas normas não são alteradas.

Diante das colocações feitas, podemos perceber que Saussure (2012), defendia que a linguagem era adquirida, em outras palavras, cada indivíduo internaliza a linguagem a partir das relações com outros indivíduos. Assim, vemos, que apesar das críticas, Saussure (2012) compreendia a importância das relações para o desenvolvimento da linguagem, bem como, as manifestações linguísticas existentes em meio a essas relações.

Assim o estruturalismo é compreendido como uma corrente linguística que concebe a língua como uma estrutura e como um sistema linguístico que não pode ser alterado. Nesse mesmo sentido, o estruturalismo percebe a aquisição da linguagem como a internalização das normas da estrutura linguística independente dos falantes, como as peças de Xadrez.

Saussure (2012) apresentou em sua teoria algumas dicotomias no sistema linguístico, como por exemplo, síncronia e diacronia, significado e significante, língua e fala, entre outros. A língua, como supracitado é uma estrutura, a fala por sua vez é a manifestação da língua nos mais diversos contextos comunicativos. Esse é um conceito importante para a compreensão das particularidades comunicativas de cada contexto, por isso, será explorada no tópico a seguir.

### 2.3 *LANGUE E PAROLE*

É necessário compreender de forma mais específica acerca da teoria *langue e parole* (Língua e Fala) que é uma dicotomia apresentada por Saussure (2012) e apresenta um pouco sobre a sua compreensão acerca da relação e oposição entre Língua e fala, sobre isso Saussure (2012, p. 40) afirma que “A linguagem tem um lado social, a *língua*. E um lado individual, a *fala*, sendo impossível conceber um sem o outro”.

Como se pode perceber, Saussure (2012) compreende que a linguagem contém um lado social e um lado individual. Ao passo que, a língua é entendida pelo linguista como uma estrutura, um sistema que contém normas e hierarquias seguidas mutuamente pelos elementos do sistema em questão e que pode ser utilizada por todos os falantes, ou seja, é social, já a fala, é a apropriação da língua pelos falantes, que inserem nela suas próprias percepções, ou seja, é individual, pois compreende as características individuais do falante a partir de diversos fatores.

É necessário enfatizar que a teoria língua e fala é de suma importância para

perceber que Saussure (2012) também valorizava os traços de individualidade na linguagem, para ele, esses traços se davam na fala, enquanto a língua permanecia vitrificada em sua estrutura. Sobre a língua e a fala Costa (2021, p. 116) enfatiza que:

Para Saussure a língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. O entendimento saussuriano é o de que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui um *tesouro* – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua.

Diferentemente, a fala constitui o uso individual do sistema que caracteriza a língua. Nas palavras de Saussure, é “Um ato individual de vontade e de inteligência” (1975: 22), que corresponde a dois momentos: As combinações realizadas pelo falante entre as unidades que compõem o sistema da língua, objetivando exprimir seu pensamento, e um mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. Trata-se, portanto, da utilização prática e concreta de um código de língua por um determinado falante num momento preciso de comunicação. Em outras palavras, é a maneira pessoal de utilizar esse código. Daí seu caráter individual.

Podemos perceber nesses parágrafos que a língua tem um caráter social a medida que é utilizada por um grupo de falantes sem perder a sua estrutura. Corresponde, segundo o Costa (2021) a um “tesouro” que é o seu sistema gramatical que inconscientemente está alocado em seus usuários. Um exemplo disso é a forma como ordenamos os componentes frasais, esse formato é apreendido e reproduzido pelos falantes que ainda estão no processo de aquisição da linguagem, é como se eles estivessem adquirindo um tesouro linguístico e enquanto indivíduos não podem alterar esse sistema estabelecido como um contrato.

A fala, por sua vez tem um caráter individual, em que, depois da aquisição inconsciente do “tesouro” linguístico, que é a estrutura gramatical estabelecida, o indivíduo a utiliza como um código que será dependendo do contexto comunicativo e das especificidades de cada falante. Isto é, a língua é um tesouro que será adquirido por todos os falantes, entretanto, a fala é a forma individual com a qual cada um fará uso desse tesouro, observando também, os mais diversos contextos possíveis para essas variações, é o que conhecemos hoje de “Língua em uso”.

Acerca dessas definições, Bagno (2002, p. 23 e 24) aponta o seu próprio conceito de língua. Nesse interím, ele destaca a importância dos falantes para uma compreensão concreta e não abstrata de língua. Dessa forma, é preciso enfatizar que

a definição de língua de Bagno (2002) compreende os dois âmbitos da teoria língua e fala (*langue e parole*) em uma conceituação completa que apresenta como a língua é utilizada pelos falantes para a comunicação, em suas palavras:

Ora, “a língua” como uma “essência” não existe: o que existe são *seres humanos* que falam línguas, “os indivíduos que constituem o todo da população”. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – “a língua” – para um plano concreto – os falantes da língua.

Isso significa o quê, na prática? Significa olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma *atividade social*, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita. Por estar sujeita às circunstâncias do momento, às instabilidades psicológicas, às flutuações do sentido, a língua em grande medida é opaca, não é transparente. Isso faz da prática da interpretação uma atividade fundamental da vida humana, da interação social. (Bagno, 2002, p. 23-24)

Bagno (2002) faz uma diferenciação de língua com um conceito em “essência” e língua com um conceito “concreto”, ele explica que a língua como uma essência não existe pois definir língua sem os falantes é algo abstrato e irreal. Outrossim, o conceito concreto e real de língua está interligado aos falantes, pois são eles que tornam a essência da língua em algo palpável. É importante notar que Bagno (2002) observa diversos aspectos da língua, o autor enfatiza que a língua precisa ser vista a partir de um contexto histórico, cultural e social em que está inserida sua parte concreta, os seres humanos.

O autor ainda aponta que a língua é uma atividade social, ou seja, para ele o conceito concreto de língua está nos seres humanos que fazem uso dela em seus contextos comunicativos. Bagno também aponta que esses contextos são diversos e estão sujeitos a circunstâncias contextuais, psicológicas e semânticas em que o falante e o seu ouvinte estão inseridos. Por fim, o linguista destaca a importância da interpretação nas situações comunicativas e nas interações sociais, pois, a partir do uso da língua para a comunicação é imprescindível que haja interpretação do outro que ouve em seu próprio contexto.

Baseados nisso, podemos perceber o quanto a língua é viva. Ela – a língua – não se limita a uma estrutura, mas, se molda ao contexto de quem a utiliza, para Saussure (2012) não é diferente, mas o termo que designa esse conceito é “Fala”.

Assim, percebemos que “língua” para Bagno (2002) ou “Fala” para Saussure (2012) tem conceitos bastante parecidos que apontam para o fato de que o que mais importa para a construção do produto final da linguagem são as situações comunicativas e os falantes inseridos nelas.

De acordo com essas definições podemos compreender praticamente, como a língua e a fala se vinculam, bem como, que ambas tem uma relação de subordinação, já que, uma é necessária para a existência da outra, essa é uma característica comum nas dicotomias de Saussure. Podemos ainda retomar o tema central desse trabalho, as variações linguísticas, que, de acordo com as definições apresentadas acima, correspondem ao ato da fala, já que, estão relacionadas as características próprias de um grupo de falantes em contextos específicos de faixa etária, contexto social, etnias e regionalidades.

Finalizamos esse tópico, citando mais uma vez Costa (2021, p. 116), que, em seus escritos acerca de Saussure (2012) afirmou: “De acordo com Saussure, a língua é a condição da fala, uma vez que, quando falamos, estamos submetidos ao sistema estabelecido de regras que correspondem a língua”. Portanto, é necessário afirmar que língua e fala se tocam sutilmente no âmbito da linguagem, mas se afastam completamente por conceito, bem como, quando identificados na prática.

## 2.4 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A Sociolinguística é um ramo da linguística que surgiu com a finalidade de estudar os fenômenos extralinguísticos que ocorrem na língua em uso. Apesar do espaço dado por Saussure (2012) em sua corrente teórica para a fala, enquanto um instrumento de apropriação da língua por parte dos falantes que imprimem nela suas percepções pessoais, ainda parecia existir lacunas no que diz respeito a junção de língua e sujeito.

Por isso, a Sociolinguística surge com o propósito de enfatizar o papel do falante nas situações comunicativas, explorando não somente a estrutura da língua, mas como essa estrutura pode ser modificada pelos indivíduos que a utilizam. Dessa forma a sociolinguística propõe observar a Língua a partir do falante que faz uso dela, como também de seus ouvintes. Portanto, se tratando de Sociolinguística não é possível observar apenas o discurso e sim o contexto em que ele é utilizado e, principalmente, o sujeito que faz uso dele. Sobre essa conceituação Cezario e Votre



(2021, p. 141) afirmam que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

É possível perceber que, como supracitado, a sociolinguística não faz divisão entre a estrutura de uma língua e o seu uso real, mas estabelece pontes entre essas duas instâncias, preocupando-se em verificar como os aspectos sociais e culturais afetam a produção linguística. Definindo um contraponto com a tese estruturalista de Saussure (2012), a sociolinguística não faz a divisão entre Língua e Fala, mas busca compreender a língua a partir do falante e de suas particularidades.

Ainda estabelecendo contrapontos, enquanto o estruturalismo vê a língua como uma estrutura fechada que contém um sistema próprio que não pode ser modificado, a sociolinguística a percebe como uma instituição social que não pode ser compreendida de forma vitrificada e autônoma mas com um olhar voltado ao falante, ao contexto em que ele se encontra e ao ouvinte com quem se fala, como também, da intenção do discurso que é utilizado.

Nesse mesmo sentido, Cunha (2016, p. 03) afirma que a Sociolinguística trabalha com a relação existente entre a língua e a sociedade e que essa ciência possibilitou um estudo mais aprofundado sobre essa relação. Fazendo, assim, com que os linguistas passassem a perceber que não é possível compreender a língua isolada do sujeito que a utiliza, pois Língua e sociedade se relacionam de forma covariacional ou direcional. Nas palavras do autor:

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações [de língua e sociedade] são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade. (Cunha, 2016, p. 03).

Diante dessas colocações, podemos perceber a importância da sociolinguística para a compreensão da relação entre língua e sociedade, em que, compreende-se duas possíveis interrelações, a primeira, citada por Cunha (2016) é covariacional, ou

seja, a medida que uma sociedade se transforma a língua se transforma de forma simultânea e cronológica, a segunda, é direcional, ou seja a sociedade influencia a língua ou a língua influencia a sociedade, dessa forma ocorrem as mudanças sociais e linguísticas.

Essas relações – Covariacionais e Direcionais – dependem do caso que está sendo analisado, o que se sabe a partir disso, é que a língua está em constante modificação a depender dos falantes que a utilizam e das mudanças que ocorrem na sociedade em geral. Dessa forma, não é possível conceber um conceito de língua aleatório à sociedade, pois uma depende da outra para se organizar e para evoluir e se adequar ao contexto em que está inserido.

Diante dessas definições, é preciso enfatizar que a Sociolinguística parte do princípio de que as línguas estão sujeitas as variações e as mudanças, já que, são vivas e são utilizadas por falantes vivos que podem utilizar de seus meios para se expressar de forma que seja compreendido por seu ouvinte. Dessa forma, a língua em uso permite observar na fala variações existentes devido diversos fatores, podendo ser eles sociais, étnicos, culturais, regionais, entre outros, como pontuam Cezario e Votre (2021, p. 141):

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que *motivam* a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. [...] Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos. A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática.

Dessa forma podemos perceber que a língua é adaptável já que, ela é modificada a partir de fatores diversos que são estabelecidos por seus usuários. Logo, esse “código de comunicação” não pode ser caracterizado como uma regra universal, mas, como uma identidade pessoal que varia para cada falante. Também é importante ressaltar que essas variações não ocorrem de forma aleatória, mas, se organizam a partir de fatores culturais que são inerentes a cada falante específico.

Assim, podemos compreender que as variações não podem ficar a parte no processo de análise sociolinguística, pois os fatores que motivam essas variações

devem ser considerados no estudo das situações comunicativas existentes e relacionados com o produto final da linguagem que é o discurso. Ademais, é necessário considerar o sujeito e seus contextos sociais e e culturais para que se compreenda a língua em uso.

Sobre as variações linguísticas, Cunha (2016) também faz colocações importantes acerca das relações existentes entre um contexto social e o uso da língua nesse contexto. Ele explica que o sistema linguístico não é um sistema unitário, mas um *Diassistema*<sup>4</sup> que envolve tanto o sistema linguístico e o sistema dos indivíduos inseridos em seus contextos específicos. Nas palavras de Cunha (2016, p. 03):

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um diassistema, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas.

Podemos perceber que Cunha (2016) concebe a língua como um meio para a comunicação dos falantes. Para o autor, esse uso da língua com a finalidade comunicativa é social, maleável e diversificado, ou seja, a língua se adapta aos seus usuários e aos contextos em que estão inseridos em determinada situação comunicativa. Essa adaptação se dá por diversos aspectos relacionados aos indivíduos, por isso Cunha (2016) aponta a língua histórica como um diassistema, pois o sistema linguístico envolve em seu núcleo outros sistemas e subsistemas importantes no processo de construção da comunicação.

Nesse contexto, é importante compreender quais aspectos citados por Cunha (2016) são relevantes na variação de uma língua. É importante mencionar que existem diversas causas para o fenômeno da variação linguística, Cunha (2016, p. 03) aponta três dessas diferenças internas que podem existir em uma língua, são elas, as “*Variações Diatópicas, Variações Diastráticas e Variações Diafásicas*”. A seguir, um esquema baseado na teoria de Cunha (2016, p. 3) apresentará uma explicação mais detalhada acerca desses três tipos de Variações Linguísticas.

---

<sup>4</sup> Diassistema: conjunto de sistemas e subsistemas que formam uma língua histórica. (Definição do dicionário *online* Oxford Languages).

<b>Variações Diatópicas</b>	•Diferenças geográficas: falares locais, variantes regionais etc.
<b>Variações Diastráticas</b>	•Diferenças entre as camadas socioculturais: nível culto, língua padrão etc.
<b>Variações Diafásicas</b>	•Diferenças entre os tipos de modalidade expressivas: língua falada, língua escrita etc.

**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

Podemos perceber que os contextos de uso da língua se relacionam intimamente com a situação em que os falantes estão inseridos, sejam elas situações de regionalidades, contexto social e formas de expressões comunicativas. Como por exemplo, as variações diatópicas ou regionais (como se conhece popularmente) ocorrem quando um falante que está inserido em determinada região utiliza termos e expressões diferentes de outro falante que está inserido em outra região, por exemplo o termo “dindin” que é utilizado em algumas regiões e em outras é conhecido como “sacolé”, “geladinho”, “gelinho”, etc.

Já as variações diastráticas ocorrem quando comparamos o uso da língua por falantes que estão inseridos em contextos sociais diferentes. O contexto social de um indivíduo implica em todos os aspectos de sua vida, sendo um deles a comunicação. Podemos perceber essa variação por exemplo quando comparamos um falante que, por ter uma formação específica, utiliza determinados termos técnicos como “jurisprudência” ou “revelia” com um falante que é leigo no assunto por não ter formação específica.

Por fim, as variações Diafásicas podem ser percebidas quando os falantes utilizam de recursos diferentes em sua comunicação. Sabemos que existem diversos meios que podem ser utilizados para a comunicação e esses meios dependem da motivação do falante que a utiliza. Podemos ver na prática essa variação ocorrendo quando se vê as tradições orais que são passadas por gerações, comparadas às tradições escritas, ambas – oralidade e escrita – configuram-se comunicação, cada qual a sua forma de expressão.

Como visto, cada uma das variações estão completamente interrelacionadas

com os falantes da língua e sua capacidade de se adequar as mais diversas situações para atender a necessidade comunicativa de cada falante, sobre isso Bagno (2008, p. 158) afirma que “[...] para nos referirmos a uma *variedade* de língua, é preciso também, obrigatoriamente, nos referirmos aos seres humanos que falam essa variedade”. Assim, podemos compreender a importância de compreender o falante no processo de compreensão da língua e das variações linguísticas, pois as variações só existem graças aos falantes que utilizam a língua como meio de comunicação.

Entretanto, como dito anteriormente os fatores para a ocorrência do fenômeno da variação linguística também devem ser consideradas no processo de análise dessas ocorrências. No geral, as diferenças acontecem a partir de grupos que são formados em uma sociedade e cada grupo assume para si uma identidade linguística própria com suas especificidades, sem esquecer, é claro, da particularidade de cada indivíduo, esse é o aspecto individual da língua, a fala. Sobre isso, Cezario e Votre (2021, p. 147-148) afirmam que:

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades organizam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo. Dependendo do número de traços que as pessoas compartilham, e da intensidade da convivência, podem constituir-se subcomunidades linguísticas, a exemplo dos jornalistas, professores, profissionais da informática, pregadores, estudantes. Nas sociedades em que é nítida a separação da população em classes sociais e econômicas, a relação entre língua e classes sociais se verifica com bastante evidência.

Sendo assim, os autores defendem que a língua é viva, por isso ela atende as mais diversas comunidades linguísticas em suas particularidades, dessa forma podemos compreender essas adequações linguísticas como um fator que impulsiona o fenômeno das variações linguísticas. É importante ressaltar que os indivíduos não se adequam a língua, é a língua que se adequa as necessidades comunicativas de cada indivíduo e os falantes de cada agrupamento adotam para si palavras e expressões únicas e necessárias para a comunicação entre seus membros.

Ademais, podemos constatar que quanto mais traços comuns um grupo de pessoas tem, menos variação acontecerá em seus contextos comunicativos. Entretanto, na prática, cada pessoa tem certas particularidades por isso nossa comunicação está margeada de diferenças linguísticas, assim constatamos a

importância do estudo sociolinguístico para compreender como esses fatores alteram o produto final da linguagem, bem como, as relações entre os falantes.

### 3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRÁTICA

Uma pesquisa do SEBRAE (2017, p. 08), sobre a indústria da panificação mostra que 76% dos brasileiros comem pão no café da manhã e que o consumo per capita do brasileiro é de 22,61 kg de pães por ano. Diante desses dados podemos constatar que existe no Brasil uma cultura do pão em que esse alimento é altamente consumido por grande parte dos brasileiros.

Diante desses dados e da variedade cultural regional brasileira podemos imaginar a imensa variação dos termos relacionados a esse alimento que se diversificam entre as regiões do Brasil. Dessa forma esse trabalho tem caráter investigativo e busca analisar a variação do termo “pão” entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR.

Como amostra de variação regional foram escolhidos os estudantes que estudam no IFPB *campus* Catolé do Rocha/PB que hoje recebe alunos de 24 cidades e foram obtidas 59 respostas. A pesquisa feita contou com seis perguntas que, em suma, buscaram investigar quais termos variados são encontrados entre os falantes e como eles se dividem (Por estado, por município etc).

Entre as 59 respostas coletadas e analisadas foi possível constatar algumas variações do termo “pão” entre as diferentes regiões em que residem os alunos envolvidos na pesquisa, foi possível também verificar na prática as teorias estudadas na área da sociolinguística acerca das variações diatópicas.

#### 3.1 REGIÕES ENVOLVIDAS NA PESQUISA

Inicialmente é preciso destacar que os respondentes estão situados em dois estados do Nordeste brasileiro, Paraíba e Rio Grande do Norte. Os estados fazem fronteira entre si e têm culturas bastante parecidas por estarem relacionadas as raízes nordestinas. Muitos alunos do Rio Grande do Norte estudam no *Campus* de Catolé do Rocha pela proximidade entre os estados, como também pela facilidade de trânsito de veículos.

Na Paraíba os respondentes dividem-se entre os municípios de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Riacho dos Cavalos, Belem do Brejo do Cruz, Bom Sucesso e Brejo dos Santos, todos esses municípios fazem parte da microregião de Catolé do Rocha e contam com seu apoio em diversas áreas de atuação como saúde, educação

e comércio. No Rio grande do Norte os respondentes dividem-se entre os municípios de Antônio Martins, Rafael Godero, Alexandria, Lucrécia, Mossoró, Almino Afonso, Frutuoso Gomes e Patu.

Em suma, a pesquisa em questão contou com respostas de alunos de dois estados do Nordeste brasileiro que residem em 14 municípios diversos. Essa amostra apresentará uma evidência da variação existente entre os estados e regiões do Brasil. A hipótese buscada é que existe uma ampla gama de termos para pão que correspondem a variação existente entre os falantes envolvidos na pesquisa.

Dessa forma, como dito anteriormente o objetivo deste trabalho é analisar a variação do termo “pão” entre os alunos de diferentes cidades que estudam no IFPB-CCR. Dessa forma, após compreender um pouco acerca do contexto do público envolvido na pesquisa é preciso investigar também quais termos para os tipos de pães apresentados são encontrados entre os falantes.

### 3.2 VARIAÇÃO DOS TERMOS

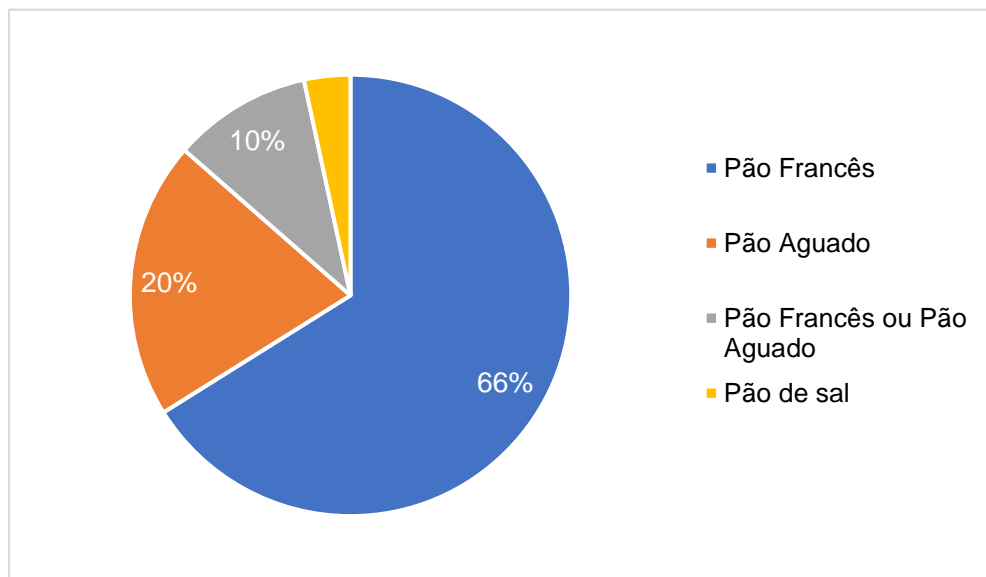
A pesquisa feita buscou identificar entre os alunos que estudam no IFPB – Campus Catolé do Rocha a variação dos termos utilizados para dois tipos de pães (imagens 1 e 2), para isso foi realizada uma pesquisa pelo aplicativo *google forms* que contou com cinquenta e nove respostas e apresentou uma variação de termos para cada imagem apresentada. Para essa pesquisa foram apresentadas duas imagens dos pães mais comuns entre os brasileiros e feita a pergunta “Como, na sua região, é conhecido o tipo de pão da imagem a seguir?”. Abaixo a resposta era livre para a escrita dos termos, assim foi possível constatar quantas e quais são as variações diatópicas existentes a partir da resposta anterior em que o aluno identificava a cidade e estado em que morava. As imagens utilizadas para a pesquisa foram:



**Fonte:** citação da autora.



Após a verificação das respostas dadas pelos alunos, foi possível constatar quatro variações entre as respostas para a primeira imagem, sendo elas “pão francês”, “pão aguado”, “pão francês ou aguado” e “pão de sal”. A maioria dos respondentes escreveu que conhecia o pão da primeira imagem como pão francês, outra parte escreveu que conhecia como pão aguado, um grupo de alunos respondeu que conhecia as duas variações e uma pequena parte conhece o termo pão de sal. Como mostra o gráfico a seguir:



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

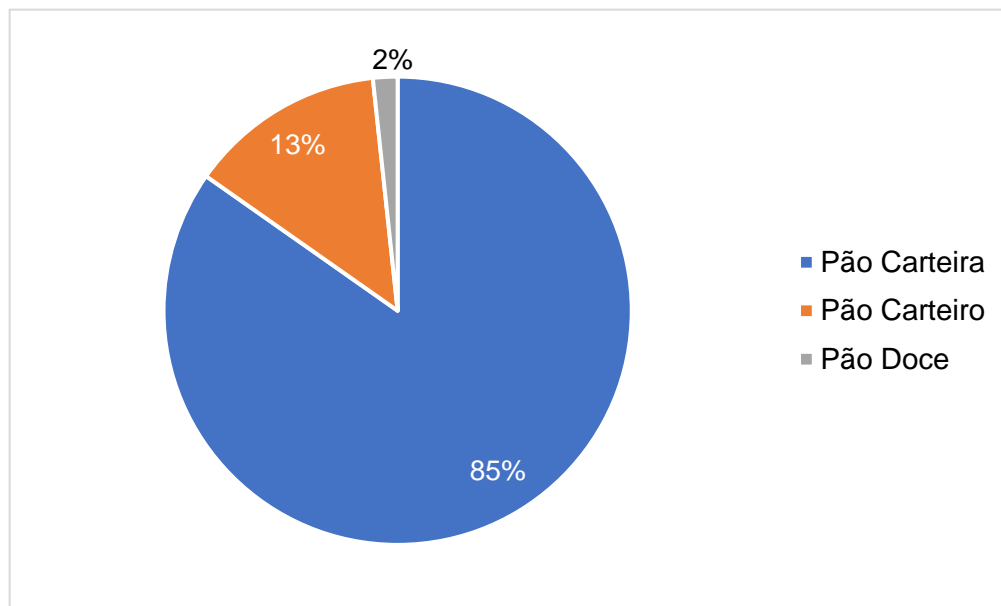
O termo pão francês é a variação mais conhecida entre os alunos que participaram da pesquisa. De acordo com o Estudo de Mercado Indústria: Panificação (2017, p. 07), a França é um dos países que mais influenciou a panificação atual, quiçá seja esse o motivo desse termo ser tão conhecido entre essa amostra de variação regional, apesar desse não ser um pão criado na França.

Continuando, o termo pão aguado está em segundo lugar nas variações conhecidas pelos alunos, com doze respostas, seguido por seis alunos que conhecem os dois termos e em quarta posição está o termo “Pão de sal” conhecido por dois alunos. Essas são as variações encontradas para o primeiro tipo de pão indicado na imagem.

O pão apresentado na imagem 1 tem apenas quatro ingredientes, farinha, água, fermento e sal. Essa pode ser uma explicação para a utilização dos termos “Pão aguado” (Por não conter leite) e “Pão de sal” (Por não conter açúcar como outros tipos de pães). Entretanto, não é possível saber com precisão onde e como esses termos

surgiram, acredita-se que são termos passados pela tradição oral, especialmente pela cultura do pão ser tão presente em nosso país.

As respostas para a segunda imagem apresentaram três variações para o tipo de pão exibido. A maioria dos alunos escreveu que conhecia o pão da primeira imagem com o termo “Pão Carteira”, um outro grupo escreveu que conhecia como “Pão Carteiro”, trocando apenas o “a” pelo “o”, um aluno respondeu que conhecia o termo “Pão doce”. Como apresenta o gráfico a seguir:



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

O termo “Pão Carteira” é a variação mais conhecida pelos alunos que responderam a pesquisa, tendo sido citado por cinquenta alunos. Provavelmente esse termo é usado, pois o tipo de pão exibido tem aparência de uma carteira, acessório usado pelos homens para guardar dinheiro e documentos pessoais, é importante ressaltar que muitos alunos citaram esse termo, dando a entender que é bastante difundido entre falantes de diversas regiões.

Dando sequência, o termo “Pão carteiro” é conhecido por oito alunos, é interessante notar que essa variação pode se dá pela forma como os ouvintes compreendem audivelmente o primeiro termo (Pão Carteira), trazendo uma reflexão sobre a importância do ouvinte no processo da comunicação, como enfatiza a sociolinguística. Por fim, um aluno conhece o pão da imagem apresentada com o termo “Pão Doce”.

Diante desses dados pode-se perceber entre os falantes uma amostra de

variação do termo pão que, no geral, apresenta-nos uma evidência da especificidade dos falantes em suas situações comunicativas. Como apontou Bagno (2008, p. 35) a língua portuguesa está em constante transformação e daqui a algum tempo também terá novas formas. Pode-se notar que o falante exerce função essencial nessa transformação, já que, é preciso olhar para os falantes para compreender as variações existentes.

Assim, como apontamos anteriormente Cunha (2016) compreende o sistema linguístico como um *diassistema*. Na prática, podemos perceber a partir das variações encontradas entre os falantes envolvidos na pesquisa, um sistema individual, que compreende as especificidades dos indivíduos, um sistema geográfico que compreende as particularidades geográficas de cada falante e por fim um sistema linguístico que compreende todos os demais sistemas que impactam a comunicação de um falante.

### 3.3 VARIAÇÃO REGIONAL POR MUNICÍPIO

Na análise das variações regionais é importante pontuar as regiões que utilizam determinado termo, para compreender, na prática, como se dá essa aproximação entre um grupo de falantes que utiliza um mesmo termo, já que o objetivo dessa análise é perceber quais particularidades os falantes imprimem em sua fala apresentando sua identidade. Por isso a tabela a seguir apresenta como essas variações acontecem em determinadas regiões:

Tabela de termos por Município							
Tipos de pão	Pão Francês	Pão Aguado	Pão Francês e Pão Aguado	Pão de sal	Pão Carteira	Pão Carteiro	Pão Doce
Cidades							
Catolé do Rocha – PB	12		3		8	6	1
Brejo do Cruz – PB	5		2		7		
Riacho dos Cavalos – PB	4	2			5	1	
Belem do Brejo do Cruz - PB		1	1		2		
Bom Sucesso – PB		1		2	3		
Brejo dos Santos – PB	3	1			4		
Antônio Martins – RN	1	4			4	1	
Rafael Godero – RN	2	1			3		
Alexandria – RN	2				2		
Lucrecia – RN	5				5		
Mossoró – RN	1				1		
Almino Afonso – RN	2	1			3		
Frutuoso Gomes – RN	1	1			1	1	
Patu – RN	1				1		

Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O quadro acima apresenta-nos uma visão panorâmica das variações linguísticas encontradas entre os alunos que responderam a pesquisa feita. Podemos perceber a partir dele que existem variações diatópicas – ou regionais – que estão relacionadas a um sistema particular de determinada comunidade social e linguística. Essas variações apontam para a singularidade de cada falante, que, a partir de seu contexto próprio, utilizam o sistema linguístico para a comunicação, mas, ao mesmo tempo, imprimem em sua fala as suas características próprias.

Dessa forma, é interessante notar que, no geral, o termo mais utilizado para a imagem 1 pela maioria dos alunos que responderam a pesquisa foi “Pão Francês”, já para a imagem 2 o termo mais utilizado pela maioria dos alunos foi “Pão Carteira”. Pode-se perceber que, com exceção de um município (Bom Sucesso-PB) falantes de todas as demais localidades conhecem o termo “Pão francês”. O termo “Pão carteira” é ainda mais popular, sendo conhecido por falantes de todos os municípios pesquisados.

Vale enfatizar que entre os grupos que residem nos municípios de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Riacho dos Cavalos, Brejo dos Santos, Pafael Godero e Almino Afonso o termo mais utilizado entre os falantes é “Pão Francês” para a primeira imagem, seguido de alguns que também conhecem o termo “Pão Aguado”, já para a segunda imagem os termos utilizados variam entre “Pão Carteira”, “Pão Carteiro”, com destaque para o município de Catolé do Rocha que contou com a resposta de um aluno que utiliza o termo “Pão doce” para o tipo de pão da imagem dois.

Também é importante ressaltar que apenas o grupo que representa o município de Antônio Martins respondeu em sua maioria que utiliza o termo “Pão aguado” para a imagem e “Pão Carteira” para a segunda imagem demonstrando uma maior tendência para um termo específico, diferente dos demais grupos que demonstraram uma variação considerável entre os falantes de um mesmo município.

Da mesma forma existe um destaque para as respostas do grupo que representa o município de Bom Sucesso que, apesar de ser um número pequeno, foi o único grupo que respondeu o termo “Pão de Sal” para a primeira imagem, esse é uma análise importante a ser feita pois demonstra uma variação considerável do termo em comparação com os demais municípios.

Um outro fator a ser considerado são as respostas do grupo que representa o município de Lucrécia que, em sua totalidade, respondeu que utiliza o termo “Pão

Francês” para a primeira imagem e “Pão Carteira” para a segunda imagem, demonstrando um caráter integral na utilização de seus termos dentro de seu município em comparação aos demais. Por fim, é preciso enfatizar que o município de Patú e a cidade de Mossoró tiveram apenas um respondente não sendo possível identificar variação específica entre os falantes.

Como mencionou Cunha (2016), as variações podem ocorrer de forma covariacional, quando a sociedade se transforma e a língua se transforma simultaneamente a ela e direcional, quando a língua direciona a sociedade a uma transformação ou a sociedade direciona a língua a uma transformação.

A partir disso, podemos perceber, neste caso, que aparentemente ocorreu uma variação de forma direcional, já que, percebemos que a maioria dos falantes conhecem os termos mais comuns – “Pão francês” e “Pão carteira” – entretanto, a partir da mudança ocorrente em parte da sociedade e no aumento do consumo do pão, os falantes foram direcionados a outras variações baseadas em diversos fatores, sendo um deles o fator geográfico.

É importante dizer que esse material demonstra apenas uma amostra das variações existentes entre os falantes desses municípios, mas, aponta para a dicotomia *Langue e Parole* de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e demonstra, na prática como os falantes imprimem em sua fala suas características e especificidades baseadas em vários aspectos, sendo um deles a regionalidade, demonstrada aqui.

É indispensável também mencionar que para Bagno (2008) o conceito concreto de língua está intimamente relacionado aos falantes, pois definir língua sem os falantes é algo abstrato e irreal, apontando para a importância dos falantes no processo de análise dos dados coletados nessa pesquisa e em suas particularidades, singularidades e contextos históricos, culturais e sociais.

## 4 CONCLUSÃO

A comunicação é uma atividade essencial para as relações interpessoais entre os seres humanos, mas para que essa atividade seja possível é necessário que os falantes utilizem a língua, um importante instrumento da linguagem que, de acordo com Saussure (2012) é um sistema social que contém uma estrutura que não pode ser alterada, entretanto, no processo de comunicação também – e principalmente – é utilizada a fala que, em suma, é a língua em uso por parte dos falantes.

Diante disso as variações linguísticas – Diatópicas, Diastráticas e Diafásicas – ocorrem quando determinados aspectos específicos do contexto de um falante são imprimidos em sua fala. Essas variações podem ocorrer por parte de uma comunidade de falantes, como também de um falante específico, baseadas em sua situação geográfica, social e cultural.

Por isso, como afirmou Bagno (2008) é impossível estudar uma variação linguística sem observar os falantes que fazem uso dela, já que todos os fatores que levam a ocorrência de uma variação – contexto social, geográfico, faixa etária etc – provém da particularidade de um falante ou de um grupo específico de falantes. Assim, podemos concluir que as variações existem a partir da língua em uso ou seja, da fala (*parole*).

Assim é possível refletir acerca das questões que este trabalho propõe responder. Primeiramente é preciso enfatizar que as variações linguísticas do termo ‘pão’ ocorrem de três formas distintas entre os alunos de diferentes municípios que estudam no IFPB-CCR, para o primeiro tipo de pão, sendo elas, “Pão Francês”, “Pão aguado” e “Pão de sal”, sendo a variante mais utilizada “Pão Francês”. E de três formas divergentes para o segundo tipo de pão, sendo elas “Pão Carteira”, “Pão Carteiro” e “Pão Doce”, sendo a variante mais utilizada “Pão Carteira”.

Em segundo lugar é necessário enfatizar que as teorias estudadas discutem as variações linguísticas com base nas mudanças que ocorrem na sociedade e nas diferenças entre os falantes e suas comunidades linguísticas. Também é preciso enfatizar que todas as teorias estudadas destacam a importância do falante nas mudanças ocorrentes na fala, já que, é impossível dissociar a fala do falante.

Também é necessário destacar que a partir das variações identificadas entre os alunos do IFPB – CCR que responderam o questionário proposto foi possível verificar as variações apresentadas anteriormente e relacioná-las as teorias

estudadas. Após a análise e interpretação dos dados obtidos pela pesquisa foi possível perceber que na prática as variações são reais e que são um fenômeno a ser apreciado pois apontam para a riqueza da variedade existente em uma língua.

Portanto, compreende-se que as variações encontradas entre os termos para a palavra “Pão” das imagens apresentadas entre os alunos do IFPB-CCR, são uma amostra de variação Linguística regional que baseia-se na situação geográfica em que os falantes estão inseridos. Portanto, esse é um exemplo da variação existente entre todos os falantes de uma mesma língua que estão situados em regiões diversas. Entretanto, não se deve esquecer que esse é apenas um dos tipos de variações existentes e que não deve-se limitar a diversidade de uma língua, pois ela é viva, heterogênea e está em constante transformação.

Por fim, é importante mencionar que este trabalho de pesquisa cumpriu as suas finalidades, contudo ressaltamos que temos interesse de aprimorar a pesquisa com vistas a compreender quais as interfaces e interferências significativas nas respostas obtidas como os alunos do IFPB/CCR.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: Novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2008.

BAGNO, Marcos et al. **Língua Materna letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CARVALHO. Relação entre língua e identidade: a fala denuncia quem somos. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, 2019.

CUNHA, Celso; Cintra, Luís. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016. 7ª edição.

IFPB. Sistema Unificado de Administração Pública. IFPB/SUAP 2024. Disponível em: <https://suap.ifpb.edu.br>. Acesso em: 07 jun. 2024.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2021. 2ª Edição.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Pensamento, 2012. 28ª Edição.

INDUSTRIA: PANIFICAÇÃO. Sebrae 2017. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Ind%C3%BAstria%20da%20panifica%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10 jun. 2024

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**. Vol. 8, n. 14, 2010. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].